

## **EMPREENDEDORAS NEGRAS NO BRASIL – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE ADVERSIDADES E SUPERAÇÃO.**

## **BLACK ENTREPRENEURS IN BRAZIL – AN EXPLORATORY STUDY ON ADVERSITIES AND OVERCOME.**

### **1- Introdução**

Estudos sobre adversidades enfrentadas por mulheres, apenas por serem mulheres, não são recentes e abarcam diferentes olhares, situações e cenários. Raposo e Astoni (2007) e Catardo (2005), por exemplo, enfocaram na luta pelos direitos e igualdade, apontando que ainda falta muito a conquistar neste campo.

A luta pelos direitos iguais esconde uma situação ainda mais conflitiva: a discriminação por gênero que pode impactar o emocional das mulheres que correm o risco de sentirem-se desmotivadas, incapazes e infelizes em seus projetos pessoais, principalmente, quando relacionado ao empreendedorismo. Um ambiente machista e pautado pela sociedade do patriarcado (Nassif, Hashimoto, Borges, Falce e Lima, 2020) contamina o ambiente de negócios e mulheres que empreendem passam por conflitos emocionais que podem influenciar, negativamente, o seu processo empreendedor.

A mulher empreendedora vive situações próprias do gênero como conflito em conciliar o trabalho-família que gera atrito entre as atividades do trabalho doméstico, o cuidado dos filhos e o empreendimento, o que demanda resiliência para superar tais conflitos (Mcgowan, Redeker, Cooper e Greenan; 2012; Nassif et al. 2020).

Estudos mostram que essa experiência é comum entre mulheres brasileiras e alinham-se à de empreendedoras no mundo todo, conforme o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, (OCDE) 2020. Esse mesmo organismo mostrou que as empreendedoras têm gastado mais tempo com tarefas domésticas do que os homens que também são donos de negócios.

Esse é um retrato do empreendedorismo por mulheres que a literatura do campo já consolidou: mulheres enfrentam desafios extras por conta do gênero que implica em atender os papéis sociais esperados por uma sociedade machista e patriarcal (Nassif, Hashimoto, Borges, Falce e Lima, 2020; Bertolami, Artes, Gonçalves, Hashimoto e Lazzarini, 2018; Natividade, 2009). Elas enfrentam uma dupla ameaça de estereótipo, a racial e a de gênero.

De acordo com Steele e Aronson (1995), ameaça de estereótipo é uma situação psicológica social que surge quando estereótipos amplamente conhecidos sobre um grupo influenciam como um indivíduo se autocaracteriza ou se conforma com a visão mantida por outros.

O relatório Empreendedorismo Feminino 2019 divulgado pelo SEBRAE (2019) traz informações que confirmam esse quadro de ameaças e racismo, além de apontar que as mulheres, de um modo geral, correspondem a 34% dos empreendedores brasileiros e a maior parte delas empreende por necessidade, porque querem ser independentes e terem uma fonte de renda. Esse relatório mostra ainda que as mulheres negras correspondem a 17% dos empreendedores do país, cerca de 4,7 milhões de mulheres negras "donas de negócio" no Brasil, estando os estados de São Paulo e Bahia os mais representativos desta amostra.

O empreendedorismo por necessidade é maior entre as mulheres negras (49%) do que entre as mulheres brancas (35%), são mais jovens do que as empreendedoras brancas e possuem menos escolaridade e têm menos tempo à frente de seu empreendimento. Proporcionalmente, há mais mulheres negras trabalhando sem sócias do que mulheres brancas e, em geral, há menos mulheres negras empregadoras do que mulheres brancas, o que significa que os

empreendimentos das mulheres negras têm porte menor e em geral, há mais empreendedoras negras trabalhando em casa do que empreendedoras brancas atuando na mesma condição.

Estas reflexões suscitaram inquietações e demonstram que há lacunas que precisam ser mais bem compreendidas, em um contexto duplamente discriminatório.

Assim, este estudo se propõe a responder a seguinte questão: Como as empreendedoras negras brasileiras superam as adversidades geradas por estereótipos, no empreendedorismo?

Trata-se de um tema desafiador ao levanta questões que interferem na ordem social, econômica e política dificultando a ação de empreendedoras negras no Brasil, além de ir de encontro com o artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil que explicita:

[...]Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL - 1988).

Os estudos que abordam este tema demonstram, com clareza, que o preconceito contra o negro em geral e, especialmente entre as mulheres negras, são exemplos das altas taxas de violência que as atingem nas áreas domésticas, corporativa, acadêmica, financeira (Corradi, 2009, Raposo e Astoni, 2007)

Além disso, demonstram constante violação dos direitos fundamentais, especialmente o da igualdade que não ecoa nas relações pessoais quando os negros, em especial as mulheres, têm tal direito violado, conforme constar no artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 Aspectos facilitadores para empreender**

Estudos sobre os aspectos facilitadores foram realizadas por diferentes autores em países com Itália, Noruega, Suécia, Inglaterra e EUA, e neste último, por Smith-Hunter e Boyd (2004) que mostram *insight* predominante de como as empreendedoras minoritárias são orientadas à autorrealização, altamente motivadas a serem chefes de si mesmas, donas do próprio negócio e ganharem mais dinheiro para empreender. Outro facilitador está no campo dos relacionamentos, em que as mulheres negras tendem a contar com a família e amigos mais do que os homens (Greve e Salaff, 2003), têm laços mais fortes nas redes sociais e são capazes de lidar com o estresse e obter apoio social a partir desses laços (Robinson e Stubberud, 2011; Taylor e Torpe, 2004), e ao atuarem como empreendedoras, têm poucos funcionários, e se não puder pagá-los, seus familiares e amigos são mão de obra acessível sem que tenham de oferecer empregos formais a alguém, (Cederberg e Villares-Varela, 2019; Jackson, 2020), logo, a vida em comunidade facilita e pode até ser benéfica às empreendedoras.

Estudos mostram que a vida em comunidade (Smith-Hunter & Boyd, 2004), pode beneficiar as empreendedoras minoritárias (negras, hispanicas e imigrantes) de diversas formas. Primeiro, a ausência de comércio majoritário nos bairros minoritários pode abrir oportunidades para empresas minoritárias reduzindo a concorrência (Smith-Hunter e Boyd, 2004). Segundo, a solidariedade de grupo existente nesses bairros pode encorajar os empreendedores minoritários a patrocinar empresas minoritárias situadas na comunidade local Aldrich, Cater, Jones, MCEvoy e Velleman (1985) e finalmente, a vida em comunidade de um grupo minoritário (negras, hispanicas e imigrantes), pode fornecer a base para uma economia de cunho étnico

(Boyd, 1996b; Raijman, 2001; Smith-Hunter e Boyd, 2004). Nesses bairros há significativas associações entre a raça da empreendedora e a composição racial do ambiente de negócios, o que implica que as empreendedoras dependem muito da clientela étnica em mercados racialmente segregados (Smith-Hunter e Boyd, 2004).

Apesar das adversidades, as mulheres negras têm perseverado e continuam a abrir negócios acima da média nacional em diversos setores, (Barr, 2015; Jackson, 2020). Além disso, observa-se que mulheres negras mais estudadas e perseverantes seguiram os passos das brancas primeiro no setor público e depois no privado (Higginbotham, 2001), podendo adquirir habilidades para ajudá-las a empreender, (Inman e Grant, 2005), além disso, as descobertas de Jackson (2020), contribuem na explicação de como as mulheres negras enfrentam e processam as adversidades na viabilidade de seus negócios (Barr, 2015).

Muitas iniciativas de networking tendem a operar via reuniões e seminários baseados em questões-chave de interesse comum, tais como técnicas de empreendedorismo e busca de oportunidades. Ao se conectarem, os empreendedores ajudam uns aos outros com informações e conselhos que aumentarão o capital social, conhecimento de negócios e confiança para superar adversidades ou aproveitar mais as oportunidades (OCDE, 2005).

Para Barr (2015), as minorias raciais podem enfrentar uma série de adversidades como falta de acesso ao capital, redes de negócios insuficientes de seus pares, investimentos e oportunidades de negócios, e ausência de habilidades essenciais para a sobrevivência e crescimento do empreendimento, pois há razões para pensar que são propensas a enfrentar tais obstáculos. Por exemplo, as famílias lideradas por minorias e mulheres geralmente têm níveis mais baixos de riqueza familiar e isso pode dificultar o investimento interno e o empréstimo externo.

O mesmo autor também sugere três propostas para enfrentar as adversidades comumente enfrentadas pelas empresas minoritárias e por mulheres: 1) acesso ao capital: as pequenas empresas têm necessidades críticas de empréstimos que não seriam atendidas sem a assistência governamental, pois programas de empréstimos garantidos são uma importante fonte de empréstimos privados, 2) acesso a redes de negócios que podem ajudar qualquer empresa a construir sua base de clientes e fornecedores, melhorar o acesso a dívidas e financiamentos patrimoniais e fornecer conselhos e suporte úteis. Ainda, podem ser especialmente benéficas para empresas novas e menores 3) acesso ao desenvolvimento de habilidades onde muitos empreendedores e proprietários de pequenos negócios precisam acessar as habilidades, contudo, os treinamentos muitas vezes não contemplam as necessidades reais e restrições de tempo, o que pode ser substituído pela contratação de funcionários capacitados ou pelo uso de consultorias.

A interseccionalidade no estudo da propriedade de negócios considera a raça, classe e gênero, que se cruzam para influenciar materialmente as experiências de vida e os resultados das pessoas e de seus negócios (Romero e Valdez, 2016).

Inman (2000), além de comparar mulheres brancas e negras que tinham salões de beleza, agências de viagem, escritórios de advocacia (idade, educação, classe social e contexto familiar), constatou que elas decidiam empreender por causa das opções limitadas no mercado de trabalho.

Do ponto de vista da solidariedade e apoio emocional, mulheres que vivem em comunidade encontram ali o apoio étnico, o que pode impulsionar o empreendimento de minorias (Davidsson e Honig, 2003; Jackson, 2020). Corroborando esses dados, Juma e Sequeira (2017) citam que este apoio pode ajudar a superar a falta de reputação, de legitimidade e dificuldade de entrada no mercado.

Jackson (2020) cita que a convivência em comunidade proporciona apoio emocional e social, pois as mulheres negras tendem a ter mais família e amigos em suas redes sociais e podem contar com essas redes quando empreendem (Cederberg e Villares-Varela, 2019; Robinson e Stubberud, 2011; Taylor e Thorpe, 2004). Tal apoio ou suporte emocional pode servir como um recurso crucial para aquelas que têm menos acesso ao capital financeiro e redes de vínculos fortes (Jackson, 2020). Ainda, o apoio familiar permite a percepção da maternidade e do emprego como atividades compatíveis, e não concorrentes (Murrell, 1991) e incentiva as mulheres negras a buscarem metas educacionais não disponíveis para seus genitores (Higginbotham e Weber, 1992; Murrell, 1991).

Outro apoio que recebem é a ajuda no cuidado de seus filhos por outras mulheres da comunidade enquanto empreendem, além do incentivo e aconselhamento jurídico de familiares e amigos (Jackson, 2020). A solidariedade e a existência de uma rede de contatos é imensamente importante para se empreender, pois constatou-se que as empreendedoras negras se juntam, principalmente, às redes e organizações profissionais que atendem pessoas e mulheres negras (Jackson e Sanyal, 2019; Jackson, 2020).

O envolvimento na comunidade serve como uma ferramenta instrumental para mulheres negras empreendedoras, pois as comunidades as veem como empreendedoras e as convidam para palestras, solicitam sua experiência e conselhos (Jackson (2020).

No que diz respeito à lucratividade, Jackson (2020) constatou que mulheres e proprietários de empresas de minorias (negras, hispanicas e imigrantes) lutam para gerar lucros comparáveis aos dos homens brancos (Barr, 2015).

Segundo Jackson e Sanyal (2020), existem várias razões para empresas de mulheres negras serem menos lucrativas do que outras, por exemplo, marginalização, menos estudo e fundos de *start-up* para os negócios, menor propensão a ter um pai autônomo (Fairlie e Robb 2007) ou um familiar empreendedor, menos treinamento, menor compartilhamento de recursos e informações e menos transferência de capital humano ao longo de gerações, menos oportunidades de obter experiências (Loscocco e Leicht -1993).

A identificação dos facilitadores na literatura está contemplada na Tabela 1 e agrupa os que mais se destacaram.

Tabela 1 – Principais facilitadores para mulheres negras superarem as adversidades.

<b>Facilitadores</b>	<b>Autores/data</b>
São destemidas, autoconfiantes, apaixonadas e identificadas com seus empreendimentos.	Jonathan (2005)
Possuem grande flexibilidade e habilidade de enxergar as pessoas como um todo.	Fleury (2013)
Tendem a contar com a família e amigos, além de terem amigos mais amigáveis em suas redes sociais	Robinson e Stubberud (2011); Taylor et al. (2004); Greve e Salaff (2003)
A vida em comunidade, pode beneficiar as empreendedoras negras de diversas formas. Também fornece bases para uma economia étnica forte. Geram relacionamentos amistosos fortes para lidar com estresse e obter apoio social na comunidade.	Smith-Hunter e Boyd (2004); Rajjman (2001); Jackson (2020)
Dependem do apoio de seus clientes co-étnicos e podem compensar as desvantagens financeiras situando suas empresas em bairros habitados por co-étnicos.	Jackson (2020); Smith-Hunter e Boyd (2004); Smith-Hunter e Boyd (2004)

<b>Facilitadores</b>	<b>Autores/data</b>
Enfrentam e processam as adversidades para manter a viabilidade de seus negócios.	Jackson (2020); Barr (2015)
Buscam conselhos e lamentam o racismo de gênero, bem como oferecem apoio social e recursos que não estavam recebendo de seus entes familiares.	Jackson e Sanyal (2019)
A convivência em comunidade proporciona apoio emocional.	Cederberg e Villares-Varela (2019); Robinson e Stubberud (2011); Taylor e Thorpe (2004).
Tendem a ter mais família e amigos em suas redes sociais e podem contar com essas redes para suporte emocional e social quando se tornam donas de negócios.	Cederberg e Villares-Varela (2019); Robinson e Stubberud (2011); Taylor e Thorpe (2004).
O apoio de parentes permitiu que as mulheres negras percebessem a maternidade e o emprego como atividades compatíveis, e não concorrentes.	Murrell (1991)
A vida em comunidade oferece ajuda na forma de cuidados de seus filhos por outras mulheres para que possam trabalhar, além de receberem conselhos de familiares e amigos.	Davidson et al. (2010); Jackson (2020).
O envolvimento na comunidade serve como uma ferramenta instrumental para mulheres negras que são empreendedoras, pois os membros das comunidades as veem como empreendedoras e as convidam para palestras, solicitam sua experiência e conselhos.	Jackson (2020)
A solidariedade é a existência de uma rede de contatos que é imensamente importante para se empreender; as empreendedoras negras se juntam, principalmente, às redes e organizações profissionais que atendem pessoas e mulheres negras.	Jackson (2020)
As mulheres negras adquirem habilidades profissionais para ajudá-las a abrir seus negócios.	Jackson (2020); Inman e Grant (2005); Barr (2015)
Possuem boa capacidade de persuasão, se preocupam com seus fornecedores e clientes.	Villas Boas (2010)
Possuem excelente capacidade de multiprocessamento de informações que ajudam na visão sistêmica não sequencial da realidade.	Fleury (2013)
São consolidadoras e impulsionadoras de negócios e enxergam além.	Dornelas (2016)
Localizam e se aproveitam das oportunidades que aparecem.	Dornellas (2016)
Têm preocupação em não ter capital suficiente, contrair dívidas com o marido, o que poderá vir acompanhado de cobrança, medo de fracassar, ou de ser um dinheiro malgasto ao criar a própria empresa.	Noguera et al. (2013a)
As que possuem diploma universitário e tendem a entrar em campos de geração de receita mais alta e têm as habilidades para fazer isso.	Lofstrom et al. (2013)
São altamente motivadas a se tornarem empreendedoras orientadas à autorrealização, motivadas e serem suas próprias chefes, para terem um negócio próprio e ganharem mais dinheiro.	Smith-Hunter e Boyd (2004)
Têm poucos funcionários ou quando não podem pagá-los, seus familiares e amigos fornecem mão de obra acessível sem que tenham de oferecer empregos formais a alguém.	Cederberg e Villares-Varela (2019); Jackson (2020)
As mulheres negras têm perseverado, apesar de muitas adversidades e barreiras e continuam a abrir negócios bem acima da média nacional em uma grande variedade de setores.	Barr (2015); Jackson (2020).

Facilitadores	Autores/data
Observa-se que mulheres negras mais estudadas e auxiliadas pela ação de perseverança, seguiram as mulheres brancas primeiro nas profissões do setor público e depois no setor privado.	Higginbotham (2001)
A interseccionalidade no estudo da propriedade de negócios leva em consideração raça, classe e gênero e estas se cruzam para influenciar materialmente as experiências de vida e os resultados das pessoas e de seus negócios.	Romero e Valdez (2016)
Decidiam empreender por causa das opções limitadas no mercado de trabalho normal.	Inman (1999)
Podem contar com sua comunidade para superar a falta de reputação, de legitimidade e dificuldade de entrada no mercado.	Juma e Sequeira (2017)
Os membros da família incentivam as mulheres negras a buscar metas educacionais não disponíveis para a geração de seus pais.	Higginbotham e Weber (1992); Murrell (1991).
Lutam para gerar lucros comparáveis aos dos homens brancos.	Jackson (2020); Barr (2015).
Chamam a atenção para as atividades empreendedoras das mulheres negras migrantes, examinando confrontos, negociações e diálogos entre papéis sociais simultâneos e às vezes conflitantes.	Forson (2013); Knight (2016)

Fonte: Elaborada pelos autores

Observam-se na Tabela 1 situações vivenciadas pelas mulheres empreendedoras negras que indicam como elas superam as adversidades geradas por estereótipos no empreendedorismo identificados na literatura, e serão tratados como aspectos emocionais, afetivos e cognitivos que podem amparar suas ações na superação das adversidades.

### 3 Metodologia

Trata-se de um estudo teórico contemplando artigos extraído artigos na base da *Web of Science (WoS) – Social Citation Index (SSCI)*. Utilizou-se o “WoS” por se tratar de uma grande base de dados que disponibiliza mais de 9.200 títulos de periódicos de assuntos diversos tais como negócios, finanças, economia, ciência comportamental, entre outras. Para tanto, utilizou-se o “String” (*Woman Entrepreneur AND Black*) com filtro dos últimos cinco anos e se obteve 18 artigos cujos “downloads” foram efetuados para a realização da leitura dos textos. Desses 18 artigos apenas cinco foram utilizados nos estudos e os demais tratavam de outros assuntos que eram estranhos à pesquisa em pauta.

Com o intuito tornar a base de dados mais robusta para a pesquisa, foi realizada nova busca no mesmo site (WoS) utilizando-se o *String (Black Woman Minority AND Entrepreneurship)* e retornaram sete artigos dos quais dois estavam relacionados na pesquisa efetuada anteriormente, totalizando 10 artigos pertinentes aos *Strings* pesquisados. A posteriori foram efetuadas buscas de artigos de interesses nos próprios artigos selecionados para o presente estudo o que aumentou para 57 o número de artigos.

Para fazer a gestão dos dados, o recurso do *software Atlas.ti* foi utilizado por se tratar de um software especializado em análise qualitativa de grandes corpos de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo. Este software possui ferramentas que ajudam a organizar, remontar e gerir o seu material de forma criativa, mas sistemática. Os artigos foram introduzidos no Atlas.ti para fins de codificação e posterior alimentação de uma planilha com resumos dos assuntos, os artigos foram importados para o Zotero para organização e gerar as referências bibliográficas.

Com base nos artigos, realizou-se o estudo colocando em diálogo estudos de abordagens e paradigmas diferentes, em busca de responder ao problema de pesquisa: **como as**

## **empreendedoras negras brasileiras superam as adversidades geradas por estereótipos no empreendedorismo?**

Ao respondê-lo, propõe identificar possíveis comportamentos de enfrentamento e superação desses problemas que podem ser uma ameaça a seus empreendimentos.

### **4 Análise dos Resultados**

Ao fazer uma análise dos dados extraídos da literatura, fica claro que as adversidades vivenciadas por mulheres empreendedoras negras recaem sob duas facetas, racial e de gênero. Não obstante esses estereótipos serem recorrentes nas ações dessas empreendedoras, identifica-se também os aspectos que contribuem na superação dessas adversidades.

Mesmo sob a égide da necessidade, há a perseverança e o sentimento de autorrealização (Barr, 2015; Jackson 2020, Smith-Hunter e Boyd, 2004), são capazes de identificar oportunidades e contam com a rede e comunidade para superarem as adversidades (Juma e Sequeira, 2017). O sentimento de solidariedade é presente entre as empreendedoras negras, pelo fato de serem duplamente discriminadas (Jackson, 2020) e esses sentimentos as fortalecem.

Boa parte dos textos trazem os aspectos emocionais para explicarem a capacidade de superação frente às adversidades. Nassif et al., 2020, por exemplo, pontuam que há necessidade de valorizar a afetividade e as emoções mais presentes no fazer empreendedor, além das cognições, pois o equilíbrio entre esses fatores pode contribuir para a superação dos aspectos discriminatório relacionados ao gênero e, Jackson (2020) corrobora ao mencionar as questões raciais. Assim, pesquisadores precisam colocar em suas agendas de pesquisa que as emoções e o pensamento cognitivo são interdependentes e complementares.

Frese e Gielnik (2014) identificarem os fatores relacionados a ambos os constructos que podem levar o empreendedor, de maneira geral, homens e mulheres, ao sucesso, tais como: a) personalidade que dá suporte aos fatores motivacionais e afetivos; b) condições cognitivas e sociais que estão vinculadas aos fatores motivacionais/afetivos; c) fatores motivacionais/afetivos que dependem das condições cognitivas e sociais; d) antecedentes cognitivos que são influenciados pelas condições cognitivas e sociais, que levam às características de ação que ainda são influenciadas pelo ambiente. Segundo Collings, Hanges e Locke (2004) esses fatores estão profundamente relacionados à motivação situacional. A tipologia de ameaças enfrentadas pelas empreendedoras brasileiras desenvolvida por Nassif et al. (2020) traz uma robusta identificação de adversidades nascidas da afetividade dessas mulheres como, por exemplo, a pressão de tempo e cenários hostis e a insegurança em relação a sua competência frente a tantas adversidades e dificuldades impostas pela discriminação de gênero (como machismo, preconceito e assédio). Por outro lado, esses autores registram que para cada ameaça existem comportamentos de superação ou seja: a) conflito de papéis: resiliência, diálogo, negociação, flexibilidade para adequar ao contexto, busca de equilíbrio entre vida pessoal e profissional e busca de apoio familiar, b) ameaças efetivas, tais como atuar sob pressão de tempo e cenários hostis, insegurança em relação à competência: resiliência, controle emocional, diálogo e negociação, c) ameaças do patriarcado (machismo, preconceito e assédio): uso de rede de contato masculino, força na negociação com bancos e clientes, resiliência e aprender a lidar com situações adversas e d) ameaças ao negócio: controle emocional, enfrentamento de situações constrangedoras, combate ao machismo, preconceito, assédio e aprender a agir em situações de pressão.

As vivências individuais e os afetos explicam as relações existentes entre a motivação e a cognição para enfrentar adversidades e barreiras Welpé, Spörrle, Grichnik, Michl e Audretsch, (2011). As pessoas recorrem às capacidades e recursos disponíveis incluindo a afetividade, aspectos cognitivos, sociais e estruturais para encontrarem forças frente às adversidades dos negócios (Sommer, Howell e Hadley, 2016).

Para exemplo, o estudo de Nassif et al. (2020) elenca o comportamento cognitivo de superação adotado para cada uma das situações de incerteza criadas pela afetividade e registram que para cada ameaça existe um comportamento de superação, Portanto, são diversas as formas de superação das adversidades.

## 5 Considerações Finais

Ainda são incipientes as pesquisas que tratam o empreendedorismo de mulheres negras, especialmente no Brasil. Os artigos ora levantados na literatura propiciaram algumas reflexões que entender as adversidades vivenciadas por mulheres empreendedoras negras, como também a capacidade de superação frente às adversidades, há necessidade de discutir, em maior profundidade, os aspectos afetivos e cognitivos como o mesmo lado de uma mesma moeda. Isto porque, os estereótipos acometidos em relação à discriminação de gênero e racial afetam as emoções e a cognições dificultando a prosperidade do empreendimento, especialmente quando esse empreendimento é fonte de sobrevivência de famílias, como explicitado por Barr, (2015), Jackson (2020) e Smith-Hunter e Boyd, (2004).

Este estudo teórico trouxe ainda evidências típicas de comportamentos femininos, mesmo quando o cenário visa outras expectativas, como por exemplo, atividades lideradas por mulheres negras e não por mulheres e homens brancos. Chama atenção também as preferências e maiores facilidades por parte de mulheres e homens brancos para empreenderem, enfatizando os estereótipos de uma sociedade discriminatória e, principalmente, com predomínio masculino.

Assim, estes resultados ficam circunstanciados ao levantamento aqui representado, despertando para a ampliação de pesquisas nesta temática, especialmente no Brasil, por ser um país de grandes dimensões territoriais, com diferentes tipos de cultura, havendo a necessidade de repensar as políticas públicas para incluir de maneira mais efetiva mulheres negras empreendedoras no mercado de trabalho.

## Referências

- Aldrich, H.; Cater, H.; Jones, T.; MCEvoy, D; & Velleman, P.(1985). Ethnic Residential Concentration and the Protected Market Hypothesis. *University of Manitoba*. disponível em <http://sf.oxfordjournals.org/>.
- Barr, M. S. (2015). *Minority and women entrepreneurs: Building capital, networks, and skills*.
- Baron, R. A., Hmieleski, K. M., & Henry, R. A. (2012) 'Entrepreneurs' dispositional positive affect: The potential benefits—and potential costs—of being “up.”, *Journal of Business Venturing*, Vol. 27 No. 3, pp. 310-324.
- Baron, R. A. (april, 2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *The Academy of Management Review*. v.33, n.2.



- Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. J.M., Hashimoto, M., & Lazzarini, S. G. (2018); Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, art. 1, pp. 311-335, maio/junho, 2018, <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2018160121>. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>.
- Boyd, R. L. (1996). Demographic Change and Entrepreneurial Occupations: African Americans in Northern Cities. *The American Journal of Economics and Sociology*, Vol. 55, No. 2 (Apr., 1996), pp. 129- 143 Published by: *American Journal of Economics and Sociology*, Inc. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3487072>. Accessed: 09-02-2016 21:47 UTC.
- Burns, R. A., & Anstey, K. J. (2010). The Connor–Davidson Resilience Scale (CD-RISC): Testing the invariance of a uni-dimensional resilience measure that is independent of positive and negative affect. *Personality and Individual Differences*, 48(5), 527-531.
- Cacciotti, G., & Hayton, J. C. *Fear and entrepreneurship: A review and research agenda*. *International Journal of Management Reviews*. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-48922018000200178&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-48922018000200178&script=sci_arttext)
- Cardon, M. S., Foo, M. D., Shepherd, D., & Wiklund, J. (2012). Exploring the heart: Entrepreneurial emotion is a hot topic. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 36(1), 1-10.
- Catardo, E. (2005). 3º setor e governo: A máquina social. Publicado em 02/03/2005. Disponível em: [www.responsabilidadesocial.com](http://www.responsabilidadesocial.com). Acessado em 10/11/2014.
- Cederberg, M., & Villares-Varela, M. (2019). *Ethnic entrepreneurship and the question of agency: the role of different forms of capital, and the relevance of social class*. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 1–18. doi:10.1080/1369183x.2018.1459521.
- Constituição da República Federativa do Brasil, Art. 5º Disponível em: <http://siga.arquivonacional.gov.br/index.php/politicas/408-artigo-legislacao-constituicao>.
- Cooper, N., Estes, C. A., & Allen, L. (2004). Bouncing back. *Parks & Recreation* (Ashburn), 39(4), 28-35.
- Damasio, A. R. (2002). Descartes' Error: Emotion, Reason and the Human Brain. *Bulletin of the American Meteorological Society*, 83(5), 742.
- Davidson, R. J. (1994). On emotion, mood, and related affective constructs. The nature of emotion: *Fundamental questions*, 51-55.
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing* 18 (2003) 301–331.

- Davidson, M. J., Fielden, S. L., & Omar, A. (2010), "Black, Asian and Minority Ethnic female business owners", *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 16 Iss 1 pp. 58. <http://dx.doi.org/10.1108/13552551011020072>
- Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2007). Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? The Role of Families, Inheritances, and Business Human Capital. *Journal of Labor Economics*, 25(2), 289–323. <https://doi.org/10.1086/510763>.
- Fleury, M. T. L. (2013). *Liderança feminina no mercado de trabalho*. GV - Executivo, v. 12, n.1, janeiro-junho.2013. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/345/293> .
- Foo, M. D., Uy, M. A., & Baron, R. A. (2009). How do feelings influence effort? An empirical study of entrepreneurs' affect and venture effort. *Journal of Applied Psychology*, 94(4), 1086.
- Foo, M. (2011). Emotions and entrepreneurial opportunity evaluation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35(2), 375-393.
- 232.
- Forson, C. (2013). Contextualising migrant black business women's work-life balance experiences. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 19(5), 460–477. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-09-2011-0126>.
- Frese, M., & Gielnik, M. M. (2014). The Psychology of Entrepreneurship. *Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.* 2014. 1:413–38 .*The Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior* is online at [orgpsych.annualreviews.org](http://orgpsych.annualreviews.org); This article's doi: 10.1146/annurev-orgpsych-031413-091326.
- Greve, A., & Slaff, J. W. (2003). Social Networks and Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*.
- Higginbotham, E. (2001), *Too Much to Ask: Black Women in the Era of Integration*, Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Higginbotham, E., & Weber, L. (1992), 'Moving up with kin and community: Upward social mobility for black and white women', *Gender and Society*, 6 (3), 416–40.
- Inman, K. (2000). *Women's Resources in Business Start-Up: A Study of Black and White Women Entrepreneurs*, New York: Garland Press.
- Inman, K., & Grant, L. M. (2005). African American women and small business start-up: Backgrounds, goals and strategies used by African American women in the initialization and operation of small businesses. *International handbook of Women and Small business entrepreneurship. Library of Congress Cataloguing in Publication Data*. ISBN 1-84376-012-6.

- Jackson, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>.
- Jackson, T. M., & Sanyal, P. (2019). Struggles and Strategies of Black Women Business Owners in the U.S. *Journal of Business Anthropology*, 8(2), 228–249. <https://doi.org/10.22439/jba.v8i2.5850>.
- Jonathan, E. G. (2005). Mulheres Empreendedoras: Medos, Conquistas e Qualidade de Vida. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 10, n. 3, p. 373-382, set./dez. 2005.
- Juma, N., & Sequeira, J. M. (2016). Effects of entrepreneurs' individual factors and environmental contingencies on venture performance: a case study of African-American women-owned ventures. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, doi: 10.1080/08276331.2016.1248276 .To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08276331.2016.1248276>.
- Lofstrom, M., Bates, T. & Parker, S. C. (2013). Why are some people more likely to become small-businesses owners than others: Entrepreneurship entry and industry-specific barriers. *Journal of Business Venturing*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusvent.2013.01>.
- Loscocco, K. A., & Leicht, K. T. (1993). Gender, Work-Family Linkages, and Economic Success Among Small Business Owners. *Journal of Marriage and the Family*. 55 (November 1993): 875-887. Disponível em <http://www.jstor.org>.
- Luthar, S. S., & Cicchetti, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Development and psychopathology*, 12(04), 857-885.
- Manzano, G., & Ayala, J. C. (2007). ¿Puede la psicología positiva ayudar a comprender el comportamiento del emprendedor? Conocimiento, innovación y emprendedores: camino al futuro.
- Mitchell, R. K., Busenitz, L., Lant, T., McDougall, P. P., Morse, E. A., & Smith, J. B. (2002). Toward a theory of entrepreneurial cognition: Rethinking the people side of entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 27(2), 93-104.
- Murrell, P. (1991). Evolution in Economics and in the Economic Reform of the Centrally Planned Economies. Department of Economics University of Maryland College Park Md.20742 USA. Disponível em: <http://econweb.umd.edu/~murrell/articles/Evolution%20in%20Economics.pdf>.
- Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., Borges, C., La Falce, J., & Oliveira Lima, E. (2020). Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3).
- Natividade, D. R. D. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231-256.

- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2019). OECD/European Union. (2019). *The Missing Entrepreneurs 2019: Policies for Inclusive Entrepreneurship*. OECD Publishing. Paris.
- Podoyntsyna, K., Van der Bij, H., & Song, M. (2012). The role of mixed emotions in the risk perception of novice and serial entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 115-140.
- Raijman, R. (2001). Determinants of entrepreneurial intentions: Mexican immigrants in Chicago. *Journal of Socio-Economics* 30 (2001) 393–411.
- Raposo, K. C. S., & Astoni, S. A. F. A mulher em dois tempos: a construção do discurso feminino nas revistas dos anos 50 e na atualidade. *Cadernos Camilliani. Revista do Centro Universitário São Camilo*, ES, v. 8, n. 2, p. 36-37, 2007. Disponível em: [https://www.eumed.net/rev/cccss/24/familiatrabalho.html?utm\\_source=blog&utm\\_campaign=rc\\_blogpost](https://www.eumed.net/rev/cccss/24/familiatrabalho.html?utm_source=blog&utm_campaign=rc_blogpost).
- Robinson, S., & Stubberud, H. A. (2011). Social Networks And Entrepreneurial Growth. *International Journal of Management & Information Systems – Fourth Quarter 2011 Volume 15, Number 4*.
- Romero, M., & Valdez, Z. (2016). Introduction to the special issue: intersectionality and entrepreneurship. Introduction to the special issue: intersectionality and entrepreneurship, *Ethnic and Racial Studies*, 39:9, 1553-1565, DOI: 10.1080/01419870.2016.1171374.
- Ruskin, J., Seymour, R. G., & Webster, C. M. (2016). Why create value for others? An exploration of social entrepreneurial motives. *Journal of Small Business Management*, 54(4), 1015-1037.
- Smith-Hunter, A. E., & Boyd, R. L. (2004). Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*.
- Sommer, S. A., Howell, J. M., & Hadley, C. N. (2016). Keeping positive and building strength: The role of affect and team leadership in developing resilience during an organizational crisis. *Group & Organization Management*, 41(2), 172-202.
- Steele, C. M., & Aronson J. (1995). Stereotype threat and intellectual test performance of African Americans. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 797–811
- Sutcliffe, K. M., & Vogus, T. J. (2003). Organizing for resilience. *Positive organizational scholarship: Foundations of a new discipline*, 94, 110.
- Taylor, D. W., & Thorpe, R. (2004). Entrepreneurial learning: a process of co-participation. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 11(2), 203–211. doi:10.1108/14626000410537146.



9TH INTERNATIONAL CONFERENCE

Wallon, H. *As Origens do pensamento na criança*. São Paulo: Editora Manole, 1989.

Welpel, I. M., Spörrle, M., Grichnik, D., Michl, T., & Audretsch, D. B. (2011). Emotions and Opportunities: The Interplay of Opportunity Evaluation, Fear, Joy, and Anger as Antecedent of Entrepreneurial Exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 69–96. doi:10.1111/j.1540-6520.2011.00481.x.

Windle, G., Bennett, K. M. & Noyes, J. (2011). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and quality of life outcomes*, 9(8), 1-18.